

SUPLEMENTO **MÍDIAS DIGITAIS**

Ano XVIII | Edição 02 | CAMPO GRANDE/MS |
25/05/2020 a 31/05/2020

TRABALHO

Pandemia altera forma de trabalhar dos profissionais de Comunicação

Jornalismo sob pressão: redução salarial, home office e ameaças à integridade física dos profissionais geram mudanças

KARINA ANUNCIATO
BRUNA GARCIA

A pandemia da Covid-19 tem mexido com a rotina, o modo de vida e as relações de trabalho em todo o mundo e, com o jornalismo a história não é diferente. Muitos desafios se instalaram como verdadeiras barreiras para a disseminação da informação. O impacto no setor vai desde a infraestrutura das empresas e dos profissionais que precisam atender a demanda de casa, até a manutenção dos postos de trabalho. Criatividade

e principalmente a tecnologia são as ferramentas dos jornalistas para continuar informando.

Walter Gonçalves Filho, presidente do Sindicato dos Jornalistas de Mato Grosso do Sul (Sindjor/MS), destaca que a informação é o principal meio para vencer a doença. "Esta pandemia está mostrando a importância do jornalismo. Para uma doença que não tem vacina, a maior arma é a informação", defende o comunicador. Neste caso, a força de trabalho precisa estar com saúde para levar a notícia até a casa das pessoas. O presidente do Sindjor/

MS afirma que tem monitorado as redações para observar as condições de trabalho e a evolução da contaminação pelo coronavírus nas empresas do setor.

"Eu tenho ligado para as principais redações e pergunto como está a situação de higiene e limpeza, pergunto sobre o distanciamento social, passo inclusive as orientações da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) para os profissionais mas, a maioria dos profissionais está trabalhando home office. Buscando preservar a saúde dos profissionais, as empresas dividiram as equipes,

reduzindo a quantidade de jornalistas nas redações", esclarece Gonçalves Filho. Apesar do surto da doença no país, o presidente do Sindjor/MS afirma que até o momento não há registros de profissionais contaminados com o novo coronavírus em Mato Grosso do Sul. A integridade física dos jornalistas está mantida, mas a profissão está em constante mutação. As restrições de locomoção, acesso aos locais e a aglomeração reduziram as equipes ao menor número de pessoas. E esta é uma situação que para muitos veio para ficar.

MUDANÇA

Na comunicação desde 1981, a jornalista Carmen Cestari, que atualmente está no ar, de segunda a sexta-feira no jornal *Tribuna Livre*, da Rádio Capital e no portal de notícias *Rural Business* disse que tem tomado os cuidados de biossegurança para continuar informando a população. "Continuo realizando as entrevistas, mas agora, só por telefone", explica. Mas, de acordo com a jornalista a pandemia trouxe algumas mudanças na forma de se trabalhar com a comunicação. "O jornalismo está mostrando que é possível você ter muito mais riqueza de detalhes por meio de entrevistas com as pessoas em casa, principalmente a televisão. Todo aquele aparato de você levar câmera, de você levar uma equipe enorme, posicionar iluminação conferir áudio, para gravar uma entrevista caiu por terra. O trabalho home office veio para ficar. Se instalou no jornalismo. Este novo formato vai impactar muito nas equipes de externa", defende Cestari. Para sobreviver ao mercado acirrado a jornalista defende que só vai se estabelecer quem realmente ti-

ver
d i s -
ponibili-
de para pesqui-
sar. "Não vale mais o
ctrl+c-ctrl+v, sabe copia e
cola. O jornalista precisa ter
fontes e, além disso, saber lidar
com interpretação de texto", ar-
gumenta a jornalista.

Já Dayane Albuquerque, jornalista do *Correio do Estado*, revelou que com a pandemia precisou adaptar alguns detalhes da rotina e que a tecnologia tem dado uma mãozinha na execução. "Continuo fazendo entrevistas, sejam presenciais ou não. Quando é possíve fazemos as entrevistas por telefone ou por WhatsApp. Mas,

quando temos que
n o s
d e s -
locar
da re-
dação,
s e m -
pre uti-
lizam o s

máscara
e tomamos
cuidados como
distanciamen-
to e limpeza
das mãos. É uma
orientação da em-
presa inclusive", es-
clarece. De acordo com

**Esta pandemia está
mostrando a importância
da informação para as
tomadas de decisão e a
necessidade de se ter uma
imprensa livre**



**Os avanços tecnológicos
contribuem para o trabalho
jornalístico, mas quando é
necessário ir à rua para buscar
informações ou fazer alguma
entrevista, todo cuidado é pouco**

atual
presidente
d o
Brasil, Jair Bol-
sonaro, que
sozinho foi responsável por
121 casos, ou seja, 58,17% do
total. Os ataques endereçados
aos profissionais da Comunica-
ção pelo atual presidente, vão de
agressões verbais até ameaças
diretas a jornalistas.

Para a jornalista Dayane Albuquerque a pandemia tem contribuído para mostrar a importância de se ter uma imprensa livre. Carmen Cestari também rechaça a violência contra a imprensa. "Sou absolutamente contra qualquer ataque a veículos de imprensa, sou absolutamente contra a qualquer estímulo por parte do presidente ou de quem quer que seja para se atacar profissionais da imprensa, isso é um absurdo!" defende Cestari.

A respeito dos ataques sofridos por jornalistas, o presidente do Sindjor/MS, Gonçalves Filho explica que Mato Grosso do Sul apresenta uma característica especial, a fronteira. "Os profissionais que atuam na faixa de fronteira são as principais vítimas de agressões e muitos pagam com

a vida por realizar denúncias de crimes. Agora, o que está acontecendo em Brasília é que o grupo que está no poder neste momento, entende que o jornalismo e os jornalistas são inimigos. Estão fazendo de tudo para desqualificar a imprensa", avalia o presidente do Sindjor/MS.

IMPACTO

Assim como muitas empresas, alguns veículos de comunicação apresentaram dificuldades para pagar os funcionários. Sobre o impacto financeiro em consequência do novo coronavírus o presidente do Sindjor/MS, informou que duas empresas de comunicação em Campo Grande acionaram o mecanismo de socorro emergencial disponibilizado pelo Governo Federal que tem o objetivo de manter emprego e renda. A Medida Provisória Nº 936, publicada no início de abril, prevê a redução de jornada de trabalho e salário dos funcionários obedecendo três escalas de diminuição. Em contrapartida, o governo paga o valor reduzido pela empresa, para que o trabalhador não seja demitido. "Nós fomos avisados e estamos acompanhando de perto esta situação nas empresas. Apesar de o auxílio contribuir para a manutenção do emprego, a

paga pelo governo não é integral", explica Gonçalves.

PREOCUPAÇÃO

Pertencente ao grupo de risco para o coronavírus, o radialista e jornalista Ciro de Oliveira, começou a carreira em 1967 no rádio e em 1974 na TV. Em quarentena desde a suspensão das atividades presenciais em Campo Grande na segunda quinzena de março, hoje apresenta de casa dois programas aos domingos na Rádio FM Educativa "O Encontro de Gerações" e o "O Domingo é dia D". No jornalismo, ele trabalha na TV MS Record e disse que durante a carreira sempre conseguiu conciliar as duas funções: radialista e jornalista.

Atuante no movimento cultural, Ciro de Oliveira vê com preocupação as consequências da pandemia para todo o sistema. "Eu fico pensando que não é só o Covid-19 que preocupa, mas a economia do país. Muitos

lugares já fecharam e outros ainda vão fechar. Fico imaginando como está a situação dos nossos cantores da noite que precisam ganhar a vida. E quem trabalha fazendo som para festas? Quem trabalha fotografando e filmando eventos? Como fica a situação destes amigos e profissionais que não estão podendo trabalhar?", questiona Ciro de Oliveira.

Tolerância e receptividade ao próximo são os ingredientes que o radialista e jornalista espera que a humanidade desenvolva após a pandemia



Pandemia trouxe mudanças para várias profissões e só vai sobreviver no mercado de jornalismo quem for capaz de se reinventar

ra e complementa: "espero que depois que passar essa quarentena, que passar toda esse negócio de Covid-19 as pessoas fiquem mais humanas, mais receptivas, que olhem umas para outras com um olhar de mais amor, de mais entendimento, com mais tolerância é o que eu realmente espero".

Espero que depois que passar essa quarentena, que passar todo esse negócio de Covid-19 as pessoas fiquem mais humanas, mais receptivas, que olhem umas para outras com um olhar de mais amor, de mais entendimento, com mais tolerância é o que eu realmente espero.

CIRO DE OLIVEIRA

EXPEDIENTE

Em Foco – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano XVIII - nº 03 – 01/06/2020 a 07/06/2020

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pe. Ricardo Carlos

Reitor: Pe. José Marinoni

Pró-reitoria de Graduação e Extensão: Dra. Rubia Renata Marques

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Dr. Cristiano Marcelo Espíndola

Pró-reitoria de Desenvolvimento: Me. Gillianno Jose Mazzetto de Castro

Pró-reitoria de Administração: Ir. Herivelton Breitenbach

Pró-reitoria de Pastoral: Pe. Idenilson Lemes da Conceição

Coordenadora do curso de Jornalismo: Inara Silva

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Inara Silva DRT-MS 083

Repórter: Karina Anunciato e Bruna Garcia

Revisão, títulos e fios: Jacir Alfonso Zanatta

Marca Gráfica: Rodrigo dos Santos Machado (Acadêmico de Design/UCDB)

Projeto Gráfico e Diagramação: Maria Helena Benites

Tratamento das Imagens: Maria Helena Benites

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel:(067) 3312-3735

EmFoco On-line: www.ucdb.br/journalismoucdb

E-mail: ojournalismoucdb@gmail.com

Canal Youtube: Jornalismo UCDB